

Prefácio

Prefaciador um livro é fazer parte do livro. Isso causa um misto de orgulho e receio. Orgulho de ser convidado, o que significa que há uma confiança depositada no prefaciador, mas também que é rondado pelo receio de não estar à altura do livro. Encontro-me nesses limiares...

Toda escrita, como disse Haroldo de Campos (2004, p. 12) nas *Galáxias*, tem a intenção de começar a escritura... de acabar com a escritura... “começar-acabar com a escritura”. Como ele, aqui começo, aqui me meço e arremesso algumas palavras na direção do livro... na direção do umbigo do livro, do mundo que ele evoca... na direção do “umbigodolivromundo”.

Se escrevemos uma página, se escrevemos mil páginas, é para contar algo, para inventar algo, para recontar-inventar algo. Mais do que qualquer coisa, um livro é contador de ‘causos’, de criações, de invenções de seus autores, de interposição de diálogos entre sujeitos, coisas, eras e livros.

Esse é o ser-precisamente-assim desse livro, cujo umbigo é o diálogo com os clássicos da educação. Aliás, são outros e novos diálogos com os clássicos, porque esses são autores e obras que provocam sempre novas descobertas e conversas, persistindo como rumor (CALVINO, 1993), inestancáveis, sempre uma leitura de descobertas.

Talvez uma pergunta importante seja: “por que os clássicos estão sendo banidos da literatura dos programas e projetos de educação?” A resposta não é fácil, mas temos uma pista no conceito de neoprodutivismo, de Dermeval Saviani (2007), cuja expansão graça sem graça na arena acadêmica brasileira. Pasmem-se, mas um dos parâmetros para aprovação da bibliografia de uma ementa de um curso, ou mesmo de publicação em diversos periódicos, é o ano de publicação [talvez coubesse aqui um *emoticon* para dar o sentido iconográfico exato dessa aberração sistêmica]. Como se pode deduzir, nenhum autor clássico seria aprovado nesse critério. Estariam, assim, definitivamente banidos da educação Kant, Pestalozzi, Rousseau e outros, pois o pensamento administrado (HORKHEIMER, 2017), enquanto ocaso da vida administrada, só vê diante de si a puerilidade da novidade. Parafraseando Bauman (1999), vivemos a era da “academia líquida”, um verdadeiro Leviatã, que se alimenta esfomeado de dados e informações expressamente numeradas e quantificadas no *lattes*.

Os clássicos são incompatíveis com a efemeridade da novidade, do sempre novo, como a moda estudada por Benjamin, que “coincide com a aparência da eterna repetição” (BENJAMIN, 2006, p. 1005), uma mimese reificada do barateamento da produção literária e intelectual.

O que propõe esse livro é justamente o oposto do senso comum acadêmico de caserna. Inclusive, ele vai na contramão da compulsão mimética da repetição do “sempre novo”, porque a intenção é justamente “levantar os mortos”, retomar suas contribuições para reler o presente. E é essa mesma a função de um pensador clássico, aquele que soube reter a extensão do tempo na intensidade de uma vibração que continua tinindo. Como se vê, o livro em questão não se trata de um tributo ou deleite de ler ou estudar pensadores clássicos da educação, mas tomá-los como personagens que *retiveram a extensão do tempo na intensidade das vibrações de suas obras*, que até hoje provocam rumores, ecos no presente e no futuro, como disse Barthes (2012) em *O rumor da língua*.

Cada um dos artigos apresentados pelos estudantes do PPGE UDESC são breves diálogos, conversas sinceras com os autores escolhidos por *afinidades eletivas*, como espectros que conversam sobre seus interesses de pesquisa, mirando e colhendo aqui e ali suas contribuições.

Diante de tal desafio, estão de parabéns os autores, os organizadores e a Professora da disciplina, pois nadar contra a corrente não é para amadores, mas como dissemos em outro lugar:

Explodir o *continuum* da história não é tarefa fácil, pois implica na reconstrução (montagem, diria Benjamin) de imagens visuais reificadas pela tradição. Cada peça desse mosaico tem a mesma função do doce de madeleine de Proust, ou seja, de despertar memórias adormecidas e enterradas nos recônditos da história (VENTURA, 2020, p. 11).

Eis aí a bravura desse livro, do umbigo do livro, despertar os mortos clássicos adormecidos e enterrados nos recônditos da catástrofe da história da academia.

Prof. Dr. Lidnei Ventura

Referências

BARTHES, R. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

BAUMAN, Zygmund. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BENJAMIN, W. **Passagens**. [org. da edição alemã Rolf Tiedemann; org. da edição brasileira Willi Bolle]. Minas Gerais: Editora UFMG, 2007.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos?** 2. ed. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CAMPOS, H. **Galáxias**. São Paulo: Editora 34, 2004.

HORKHEIMER, M. **Eclipse da Razão**. São Paulo: Unesp, 2017.

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas, São Paulo, Autores Associados, 2007.

VENTURA, L. Memória ética e reparação nas teses sobre o conceito da história de Walter Benjamin. **Veritas**, Porto Alegre, v. 65, n. 3, p. 1-12, set./dez. 2020.